



Percepções Sobre o Lead e a Pirâmide Invertida 60 Anos Depois¹

Cíntia Serasuela PAPILE²

Daniela Pereira BOCHEMBUZO³

Universidade Sagrado Coração, Bauru, SP

RESUMO

Após sessenta anos da implantação das principais técnicas redacionais no Brasil, denominadas lead e pirâmide invertida, o presente trabalho pretende avaliar como essas técnicas se consolidaram e se modificaram conforme o contexto histórico brasileiro, além de apresentar os reflexos das mesmas na sociedade, para tanto, a pesquisa bibliográfica se ampara em Pena, Sodré, Lage e Genro Filho, entre outros. O trabalho também traz a alternativa de outras formas de narrar a notícia, como o jornalismo literário e as mudanças que passam, atualmente, as redações de jornal impresso. Para isso, também foram realizadas entrevistas em profundidade em dois jornais impressos da cidade de Bauru. Além de avaliar a utilização das técnicas, a pesquisa pretende provocar uma reflexão por parte dos jornalistas sobre a atividade que exercem e, por outro lado, sobre o ensino dessas técnicas no meio acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo impresso; lead; pirâmide invertida; jornalismo literário; notícia.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da USC. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Mídia e Sociedade (GPECOM –USC). Bolsista do Programa de Iniciação Científica FAP/USC. Email: cintia.papile@hotmail.com

³ Orientadora. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Mídia e Sociedade (GPECOM –USC). Mestre em Comunicação pela Unesp – Bauru. Professora do curso de Jornalismo da USC. Email: daniela.bochembuzo@usc.br



A segunda metade do século XX foi marcada por transformações no meio jornalístico brasileiro, chamadas por Sodré (1999) de Crise da Imprensa, por esta se desprender de formas antigas e, assim, passar por uma transição. Em meio a esse contexto de mudanças econômicas e políticas, o fazer jornalístico começou a tomar outras formas.

Essas mudanças, segundo Lage (2005), se deve também ao espírito de desenvolvimento da década, que correspondia à influência das agências de notícias internacionais, como a France Press, United Press e Associated Press.

Assim, incorporam-se técnicas redacionais já então utilizadas nas redações norte-americanas, caso do lead e da pirâmide invertida.

O jornalismo norte-americano criou, por exemplo, o lead, cujos princípios se fundaram na regra dos cinco W e um H; qualquer foca americano sabe que toda notícia deve conter, obrigatoriamente, os seguintes elementos: Who, quem; what, que; when, quando; where, onde; why, por que; e how, como [...] Essa técnica jornalística está, hoje, plenamente incorporada à imprensa brasileira (SODRÉ, 1999, p. 394).

O lead e a pirâmide invertida, no entanto, vieram pela Guerra Civil norte-americana (1861-1865). Tal conflito demandou mudanças significativas para o jornalismo, como a presença de repórteres que entrevistavam pessoas à procura de fatos; a explicação para o lead é de que o equipamento utilizado para enviar as notícias era o telégrafo que, por vezes, falhava, e as informações mais importantes eram enviadas logo no início do texto, para assegurar que chegassem ao destino:

À medida que as notícias começaram a ser tratadas como um produto, uma forma nascente de “empacotamento” apareceu. As notícias tornaram-se crescentemente estandardizadas ao tomarem a forma a que chamamos hoje “pirâmide invertida”, enfatizando o parágrafo de abertura, o lead (TRAQUINA, 2005, p. 59).

No Brasil, o pioneiro na reforma de apresentação da notícia foi o Diário Carioca, em 1951, quando Pompeu de Souza retorna dos Estados Unidos e compreende melhor as técnicas com o jornalista e professor universitário Danton Jobim, de quem Pompeu era assistente. Os dois reúnem estudantes de diversos cursos universitários e os fazem praticar as novas técnicas. Um dos jornalistas que também integrou a reforma foi Carlos Castello Branco, “em 1950, Pompeu de Souza convidou-o para ajudar na reforma do



Diário Carioca” (CARVALHO, 2001, p. 335). Além disso, o chefe de reportagem Luís Paulistano acrescentou o brasileiro sublead ao lead norte-americano.

De acordo com Lage (2005), as modernas técnicas de redação eram também dominadas por jornalistas com experiência no exterior, como Joel Silveira e Rubem Braga, que foram correspondentes de guerra.

As mudanças daquele momento foram passadas pelas mãos de vários nomes do jornalismo.

Já ia a caminho a reforma estilística que entrou para a história da imprensa brasileira como a primeira experiência mais sistemática de modernização, obra dos jornalistas Danton Jobim, Pompeu de Souza e Luís Paulistano; e de uma equipe de jornalistas que mais tarde teria participação expressiva na imprensa brasileira. Entre eles, Carlos Castello Branco, Evandro Carlos de Andrade, José Ramos Tinhorão, Maneco Müller, Ferreira Gullar, Gilson Campos, Armando Nogueira e o próprio Janio, sem contar os cronistas Sérgio Porto, Paulo Mendes e Antônio Maria (CARVALHO, 2001, p. 248).

Mas mesmo antes de ser implantado o lead, anos antes o Diário Carioca trazia colunas antecedendo as reformas, e estas eram, provavelmente, escritas por Danton Jobim, sob o pseudônimo de Joaquim Manoel.

As colunas saíram na página 2 do jornal nos dias 4, 7, 8, 9, 10 e 11 de agosto de 1945. O título geral era “Cartas a um foca”, com uma nota explicativa todos os dias “Num país em que todos se julgam jornalistas, eis uma pequena seção para discutir todos os dias os assuntos do jornalismo”. Os títulos também foram “O primeiro parágrafo”, “Elementos da notícia”, “A arte de opinar”, “Ser exato e poupado (?)”, “Primeiro a concisão” e “O que é notícia?”.

Lage (2005, p. 60-61) traz o conteúdo das colunas:

No dia 4, o autor das colunas cita o livro *City Editor*, de Stanley Walker, e defende que a notícia inicie pela informação: “O primeiro parágrafo, em certos casos também o segundo, deve satisfazer a curiosidade do leitor e estimulá-lo a prosseguir na leitura. Isso se obtém respondendo clara e diretamente as seis perguntas latentes e fundamentais. Em inglês, são cinco W e um H: who?, what?, when?, where? e, frequentemente, why? – ou, em certos casos, how? Em português, são pelo menos três Q: quem?, quê?, quando? e onde? e, frequentemente, por quê? ou, em certos casos, como?”.



No dia 7, analisa esses elementos da notícia: “Quanto a distinguir esses elementos numa notícia, separá-los, pesar o valor de cada um e lhes dar uma ordem de proeminência descrente [...]”.

No dia 8, trata do texto opinativo: “[...] De certo será impossível e mesmo inviável chegar um jornal à perfeição de dar informações imparciais. [...] Mas sejam ou não ‘imparciais’, elas devem ser objetivas [...]”

No dia 9, denuncia uso de expressões vagas e os chavões da imprensa na época.

No dia 10, denuncia enfaticamente o “nariz de cera”.

A última coluna utiliza uma estratégia de George Bastian, que dava nota zero e um ao que não era e ao que era notícia.

Os redatores que migraram do Diário Carioca para o Jornal do Brasil levaram a nova maneira de redigir para o veículo. Assim, em 1956, o Jornal do Brasil também aderiu à reforma, com excelentes profissionais como Reinaldo Jardim e Ferreira Gullar, Jânio de Freitas revolucionou o jornal com apresentação totalmente nova à matéria.

O procedimento utilizado pelo Jornal do Brasil para modificar o estilo de texto do jornal foi o mesmo que o Diário usou: “Reescrever as matérias, ampliando as atribuições do copidesque, seção de redação existente na imprensa americana com a incumbência de revisar os originais” (LAGE, 2005, p. 69). As inovações também vieram por Samuel Wainer no Última Hora, com mudanças gráficas e em seus métodos de informar e opinar.

Antes da renovação formal chegar aos grandes jornais paulistas, O Estado de São Paulo e o Jornal da Tarde deram às matérias noticiosas um estilo inspirado no dos magazines.

A incorporação do novo modo de escrever ao noticiário tradicional fez-se aos poucos, com base em modelos americanos, de modo que algumas das criações mais originais do Diário Carioca não chegaram ou demoraram a chegar à imprensa paulista (LAGE, 2005, p. 71).

Depois de São Paulo, a expansão pelo país foi rápida. Lage (2005), ainda, aponta um estudo feito com mostras aleatórias de textos noticiosos do jornal A Razão, de Santa Maria, Rio Grande do Sul, com datas entre 1935 e 1995, considerando: fala popular, preciosismos e estrangeirismos; adjetivação; advérbios de modo, intensidade e afirmação; uso de verbos na primeira pessoa, itens que demonstram a modificação do texto jornalístico também na região sul do país, depois de já aderida em São Paulo.



Já os primeiros livros de técnicas de redação no jornalismo traduzidos para o Brasil foram *Introduction to Journalism* (Fraser Bond, tradução de Cícero Sandroni), em 1959, e o *The Professional Journalist* (John Honhenberg, tradução de Ruy Jungmann), em 1962.

Lage (2005) também lembra que a implantação da técnica do lead foi favorecida pelo surgimento de outras inovações na forma de narrar, como as vindas desde a Semana de Arte Moderna de 1922, nas escolhas léxicas e gramaticais, que consistiam na adoção de critérios propostos pelos próprios modernistas para a proximidade da escrita com a fala, além disso, houve acréscimo de humor e ironia aos textos.

É ponto comum entre pesquisadores que a consolidação dessas técnicas no Brasil, desde os anos 50, vem por meio de um padrão de objetividade que, entre outros, gera rapidez na produção dos fatos.

Assim, como define Pena (2012, p. 42), “o lead nada mais é do que o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas do leitor: o quê, quem, como, onde, quando e por quê?”, para o leitor se informar logo no início da notícia do que ela trata.

Além disso, os autores trazem variações na forma em que o lead aparece na notícia, Corrêa (2003 apud PENA, 2012) apresenta os estilos que frequentemente aparecem no jornalismo diário. O lead Clássico – com elementos essenciais com hierarquização dos dados; de Citação – inicia pela transcrição de um depoimento de um personagem; Circunstancial – inicia com elemento “como” ou circunstância; Clichê – apresentação com ditado ou chavão; Conceitual – emprega uma ideia ou definição para atrair o leitor; Cronológico – os dados se apresentam na sequência que ocorreram; de Apelo Direto – foca em um fato que envolva diretamente o leitor; de Contraste – inicia com ideia vaga e que contrasta com a informação da notícia; Descritivo – reconstitui o cenário e personagens para instigar o leitor pelo sentido visual; de Enumeração – lista de condições, hipóteses ou conseqüências que tenham grande relevância na matéria; Dramático – cria suspense para o desfecho inesperado do sublide; Interrogativo – matéria abre com questão perturbadora que remeta à curiosidade; Rememorativo – inicia com dados mais antigos resumidos para dar entendimento aos fatos recentes de mesma ordem; Adversativo – abre com advérbio que cria expectativa frustrada, como “apesar de”; Explicativo – inicia com justificativa, explica o contexto em que o fato se deu, uma função didática; Apelativo – faz uso de uma ambiguidade dos dados para



narrar maliciosamente; Multilide – apresenta os dados essenciais aos poucos, não exatamente no primeiro parágrafo.

Erbolato (2008, p. 69) traz outra divisão, com doze tipos de leads, mas que, em geral, se assemelha ao proposto por Corrêa. O autor também lembra do lidão, que “dará um resumo de todos os enfoques e servirá também como roteiro e índice”, ele também coloca que esse lidão é utilizado quando há matéria especial ou quando o jornal destina uma página inteira a um assunto.

Entende-se que com o mesmo intuito de estabelecer a objetividade, “na pirâmide invertida a sequência é esta: a) entrada ou fatos culminantes; b) fatos importantes ligados à entrada; c) pormenores interessantes; d) detalhes dispensáveis”. (ERBOLATO, 2008, p. 66).

Destarte, têm-se as informações mais importantes logo no início do texto, hierarquizadas de forma objetiva. Mas Genro Filho (1987) coloca que acreditar no nascedouro dessas técnicas através das condições tecnológicas e que elas tenham se generalizado por comodismo para o leitor é um pensamento simplista. Essa ideia pode ser fundamentada na teoria de que o lead, na realidade, nasceu já na Roma Antiga através de Marco Túlio Cícero, baseado na retórica dos gregos, em *De Inventione*, ele afirma que um texto completo deve responder às perguntas: quem? O quê? Onde? Como? Quando? Com que meios ou instrumentos? E por quê?

Outro teórico, Karam (2000 apud LAGE, 2005, p. 81), coloca que quando a pressa, o telégrafo e outros fatores da modernidade são usadas como razões exclusivas para a origem e permanência do lead, “desmentem-se pela necessidade de uma arte de dizer e convencer, no que gregos e romanos foram mestres”.

Além disso, Genro Filho (1987) desconstrói a tese de que a pirâmide invertida começa do fato “mais importante” para o “menos importante”. O autor propõe que a notícia caminha do singular para o particular, entende-se como do fato em si e sua especificidade para o contexto que o envolve, para depois partir para a universalização. Portanto, a pirâmide não estaria realmente invertida, mas assentada com sua base natural.

Além do propósito da instauração da objetividade no jornalismo, as técnicas do lead e pirâmide invertida pretendiam proporcionar uma narrativa concisa e agradável para o texto jornalístico.



[...] o jornalismo é uma atividade que consiste em relatar de forma leve, concisa e agradável os fatos que ocorrem, interpretando-os fotograficamente sempre que possível. O caráter efêmero do texto jornalístico não implica que ele seja estilisticamente pobre e descuidado, como pensam algumas pessoas, pois em geral ocorre justamente o inverso. Para funcionar jornalisticamente, uma notícia precisa ser trabalhada e retrabalhada muitas vezes, até chegar a um nível desejável de objetividade (EMERY, 1974 apud ERBOLATO, 2008, p. 107).

E é justamente a efetividade do lead como narrativa jornalística de forma criativa que alguns autores questionam, caso de Pena (2012, p. 42), para quem tais técnicas podem se tornar “uma prisão de estilo para muitos talentos em formação”. Essa prisão pode estar relacionada às restrições verbais que o lead condiciona ao jornalista. E é por estas amarras que, muitas vezes, a escrita não cumpre o papel de ser agradável. Analisando sob essa perspectiva, há diversas regras e condições para a construção de uma notícia.

O jornalista, a rigor, não escolhe como narrar. A ele não são “oferecidos” condicionantes que regulam e delimitam o seu campo de atuação – sejam as técnicas que impõem o uso do lead ou, além de outros determinantes, as questões mais subjetivas que o obrigam a narrar os fatos na perspectiva da verdade mais absoluta (RESENDE, 2006, p. 170).

Quanto a essa questão, Bahia (1990) afirma que o lead pode se tornar um estilo de comunicação uniforme e monótono, com uma excessiva padronização do texto jornalístico, mas propõe que há maneiras de evitar o padrão; sair da rigidez do primeiro parágrafo ultradireto, reduzindo seu âmbito e criar um segundo parágrafo – o sublead – que o complementa ou, ainda, utilizar de um dado aparentemente secundário, mas que fará diferença no desenvolvimento da história, ou seja, a criatividade ainda pode se fazer presente.

Nesse mesmo sentido, Genro Filho (1987) declara que é o jornalista quem se deixa amarrar por tais técnicas, e propõe até que o lead, mesmo sendo uma síntese da singularidade, não precisa estar situado no primeiro parágrafo, ele pode ser encontrado no segundo ou até mesmo no último parágrafo em um texto de um redator criativo. Assim, ele declara que:

Sem dúvida, esse problema existe. Mas ele decorre muito mais da perspectiva empirista patrocinada pela "pirâmide invertida" e o lead -



o que leva a maioria dos redatores a pensar que se deve sempre responder monótona e mecanicamente as famosas "seis perguntas" no primeiro parágrafo - do que realmente pela apreensão singularizada do fato, na qual o lead seria apenas a expressão mais aguda e sintética (GENRO FILHO, 1987, p. 191).

Dessa forma, há também o constante questionamento sobre a efetivação dessa objetividade na prática jornalística, contrário ao que coloca Erbolato (2008) sobre a tentativa de se buscar a maior objetividade possível, já que este, assim como a maioria dos autores, admite ser impossível um texto jornalístico de plena objetividade, Genro Filho (1987) defende que deve ser feito o pensamento inverso: olhar de forma positiva a potência da subjetividade do homem perante a impossibilidade da objetividade.

Nesse sentido, a subjetividade não segue um padrão: as técnicas de construção da notícia estão sujeitas a transformações tanto pelo contexto histórico quanto pela interferência do cotidiano nas redações e, ainda, pelas próprias mãos dos jornalistas.

Um dos maiores pesquisadores dessas técnicas, Corrêa (2003 apud PENA, 2012) afirma que o jornalismo já possui um novo tipo de lead, ao qual foram acrescentadas mais três perguntas junto às aquelas seis tradicionais; são elas: A quem? Para quê? Com que desdobramentos? Tais questões, na visão do autor, alterariam o sujeito da notícia de passivo para ativo, ou seja, transformando-o em um agente do fato jornalístico, tal como defende Genro Filho (1987), que coloca o jornalista como um sujeito socio-histórico.

Além disso, Erbolato (2008) pontua que os jornais impressos obtinham o monopólio da informação até o término da Primeira Guerra Mundial. E com o aparecimento de outras mídias, como o rádio, na década de 20, e a televisão, na década de 50, além da popularização da internet no final do século XX, “os jornais impressos tiveram que preparar a sua estratégia. As notícias, que eram superficiais, limitando-se a narrar os acontecimentos, sofreram alterações em sua estrutura” (ERBOLATO, 2008, p. 30). Dessa forma, o jornalismo impresso passou a tratar os fatos noticiosos de forma mais aprofundada, por meio da interpretação das notícias.

Por este motivo, os jornais impressos não mais sobrevivem da rapidez na reprodução dos fatos, o que justifica uma alteração na forma de narrar as notícias, numa missão de instigar o leitor e aprofundar o assunto já tratado pelos outros meios, com intuito de oferecer outra perspectiva para o leitor – não sendo essa uma oposição ao padrão da objetividade, mas um complemento que garanta a importância e até sobrevivência do meio impresso.



O problema não é a exigência de objetividade e homogeneidade nos textos, mesmo porque as necessidades industriais fazem os jornais fecharem cada vez mais cedo. Reportagens, em princípio, não podem ser parciais e enfeitadas, mas isso não pode justificar que sejam escritas de modo rudimentar e reducionista. Algum teor autoral é importante porque, numa era em que há tantas fontes de informação a quente (TV, Internet, etc.), em que o grande “furo” não vive mais que 15 minutos, a diferenciação da escrita é o que poderá manter a atenção do leitor (PIZA, 2002, p. 135).

Dessa maneira, Hohenberg (1960 apud ERBOLATO, 2008, p. 69) declara que a pirâmide invertida “constitui herança absurda dos dias em que o jornal vivia na base da notícia em primeira mão”, então, nessa nova missão do impresso no aprofundamento dos fatos, Dines (1986) afirma que os jornais diários também se tornaram mais seletivos quanto aos assuntos que vão se concentrar e esquecerem a tendência quantitativa que antes predominava as páginas dos jornais.

Assim, estabelece mais um motivador de uma possível transformação das técnicas de construção de notícia.

Nesse momento, o lead clássico, contendo as seis questões primárias de kipling (Quem? Quê? Quando? Onde? Por quê? Como?), avançou, para buscar circunstâncias mais profundas, como a dimensão, a remissão e a explicação dos fatos, já que a TV satisfazia às iniciais [...] Não apenas mais bem paginados, os jornais passaram a organizar o seu conteúdo, dando à informação aspecto mais profundo e mais permanente (DINES, 1986, p. 70).

Essa mudança se deve ao fato de que, segundo Erbolato (2008, p. 30), os outros meios de comunicação “não podem competir em profundidade, colorido, dramaticidade e na busca de antecedentes de um fato com qualquer boa reportagem escrita”. E é nesse fator em que o jornal impresso precisa investir para garantir seu diferencial.

Essas características se fazem presentes no texto do jornalismo impresso quando há trabalho cuidadoso de pesquisa e entrevista com fontes que podem dar sua contribuição e visão sobre os fatos narrados. E, posteriormente, quando a redação envolve atenção aos pressupostos de coesão, coerência e clareza textuais, associados às técnicas jornalísticas.

Escrever sobre o que se sabe e contar bem o que há para contar representam, em última análise, os principais ingredientes da enunciação jornalística. Mas pode ser-se criativo, pode contar-se bem o que há para contar, respeitando-se as regras que fazem do texto



jornalístico um texto informativo capaz de chegar a um grande número de pessoas (SOUSA, 2001, p. 121-122).

Assim, mesmo que o jornalista seja norteador pelas técnicas jornalísticas, e que faça uso da precisão, Bahia (1990) coloca que ela não pode ser tão rigorosa a ponto de prejudicar o relato nem frouxa para não banalizá-lo. O autor também aponta que o lead reclamava por períodos mais curtos, mas nem sempre esse estilo mais direto se torna mais agradável: períodos curtos não são necessariamente mais legíveis que períodos longos, portanto, é preciso que o jornalista saiba narrar os fatos, de preferência com o elemento da criatividade. Nesse âmbito, ele pode tornar-se também um narrador.

O narrador – sim, porque aqui se sente a presença de um outro que vê – conta os detalhes da cena, do fato jornalístico. Ele é contundente e faz enxergar o que se passa. Não há qualquer preocupação com a questão da objetividade, por exemplo, e, no entanto, é difícil pensar em uma cena mais objetivamente descrita. Escapamos nós mesmos da visão do jornalista, olhamos o fato e, com aquele narra a história, nos tornamos parte dele [...] contar e fornecer os dados factuais/fatais (portanto, objetivos e subjetivos) do acontecimento (RESENDE, 2006, p. 177).

Outras Formas de Narrar: Jornalismo Literário

Se as técnicas redacionais já estão consolidadas no meio jornalístico, porém, em constante transformação, é possível que haja espaço a estilos próprios de escrita dos jornalistas e novas formas de construção das notícias. Uma dessas formas, bastante discutida, é o Jornalismo Literário, que se ressaltava através da corrente do New Journalism, ou o Novo Jornalismo contemporâneo dos anos 60, a qual pretende fugir dos padrões da objetividade, do uso do lead e da pirâmide invertida, para utilizar uma linguagem mais próxima da literária. Seguindo pelo caminho da subjetividade, o jornalista descreve cenários e personagens perante diversos pontos de vistas. Nesse caso, as entrevistas também se diferenciam na profundidade, tornam-se um diálogo e a observação precisa ser mais rigorosa quanto às características da situação e até do próprio entrevistado.

As diversas crises dos anos 60, que deram lugar a formas do novo jornalismo não só nos Estados Unidos, como também em toda a América Latina e a Europa, são um excelente exemplo de como a ruptura de fronteiras (também neste âmbito) fecundou a criatividade informativa no âmbito do jornalismo (SCLIAR, 2002, p. 20-21).



Destarte, esse é um exemplo de que as técnicas redacionais não permaneceram intactas desde os anos 50, quando foram implantadas no Brasil; outras formas de narrar, como o Jornalismo Literário, apareceram como alternativa para um texto informativo criativo e como rompimento aos padrões que se encontravam em crise.

Quanto ao Jornalismo Literário, segundo Pena (2006), o pioneiro na utilização deste no Brasil foi Joel Silveira, que colocava a grande reportagem como uma válvula de escape para o que ficou reprimido no período do Estado Novo. O jornalista cobriu a Segunda Guerra Mundial para os Diários Associados e era um dos correspondentes estrangeiros mais novos da Europa, quando conviveu com Ernest Hemingway, um dos mais célebres do jornalismo mundial. Quando retornou ao Brasil, Silveira realizaria uma matéria que cobria o casamento da filha de Francisco Matarazzo, então inimigo de Chatô. Já quando terminava as laudas de sua matéria, soube do casamento de um casal de operários da fábrica dos Matarazzo, no mesmo dia. Chateaubriand passou ordens de que ambos os casamentos deveriam ter o mesmo espaço.

Ordens cumpridas, o Diário da Noite trazia duas páginas inteiras sobre os casamentos, face a face. Na esquerda, o casamento de Filly e João Lage; na direita, o casamento de Nadir e José. É claro que Silveira não perderia a oportunidade de frisar que todo luxo e ostentação do primeiro casamento foram apoiados no trabalho árduo e no suor do casal de operários (PENA, 2006, p. 66).

A matéria que contrastou as diferenças sociais dos casamentos, mesmo que por interesses do patrão, se tornou um dos livros mais famosos de Silveira, intitulado *A milésima segunda noite na Avenida Paulista*, sendo um exemplo do uso dos recursos da literatura na narrativa jornalística.

Uma das maiores representantes deste momento foi a revista *Realidade*, da Editora Abril, por Roberto Civita, ao comando de Sérgio de Souza como editor de textos e de Paulo Patarra como redator-chefe. A revista registrou somente uma década de existência, de 1966 a 1976, mas foi marcante para a história do jornalismo brasileiro, chegando à tiragem de 500 mil exemplares. Havia outras importantes revistas semanais, mas a *Realidade* surgiu com o desafio de se manter como revista mensal.

A revista priorizava as entrevistas, grandes reportagens com textos longos e elegantes, e os perfis em profundidade. Segundo Corrêa (2011), *Realidade* tratava de temas tabus até então na imprensa brasileira. Em plena época de ditadura militar, ela trazia temas como: maconha, casamento de padres, fome, racismo e um dos assuntos



mais polêmicos foi de uma edição dedicada à mulher brasileira, com padrões “modernos”. Uma das características marcantes da revista também era explorar assuntos quase inexistentes na imprensa, como os problemas das grandes cidades, o desconhecido da Amazônia e sobre o Nordeste. A intenção de Civita era que os temas fossem abordados com uma linguagem agradável de se ler e diferente.

Outra publicação revolucionária foi O Cruzeiro, que durou de 1928 a 1975. O seu auge com a linguagem próxima ao jornalismo literário foi nos anos 50, e ficou ainda mais famosa após a cobertura do suicídio do então Presidente Getúlio Vargas, em 1954, rendendo tiragem de 720 mil exemplares, grande proporção se considerada a população do país na época. A revista teve grandes nomes do jornalismo e da literatura e ficou conhecida pelas grandes reportagens, sendo considerada até hoje como um marco na história da imprensa do Brasil. E a publicação não fez história somente no país, uma vez que teve uma versão internacional.

O texto das revistas citadas se diferencia daquele encontrado nas revistas atuais de informação da grande imprensa. Araújo (2002) afirma que nesses veículos atuais há falta de narrativa e que as revistas consideradas ícones do jornalismo literário souberam inovar sem perder a essência jornalística.

Esse tipo de jornalismo, que chamo de narrativo porque dá ao jornalista a oportunidade de exercer o seu poder de percepção em torno da qual se insere o objetivo de sua matéria [...], era comum em grandes reportagens, como aquelas realizadas nos anos 60, principalmente pelas revistas O Cruzeiro e, depois, Realidade. Nunca, na história da imprensa nacional, os jornalistas foram tão escritores como naquele período. As reportagens, verdadeiras peças literárias. Sem prejuízo da informação, o texto encadeava uma história que seduzia o leitor. Sem a necessidade de definir, de cara, um lead ou um sub lead, agora falando o nosso jargão de jornal (ARAÚJO, 2002, p. 95-96).

Além das revistas, “os jornais brasileiros também se interessaram por textos capazes de cruzar as fronteiras com a literatura” (COSTA, 2005, p. 269). O maior exemplo deles foi o Jornal da Tarde, que pode ser descrito por quem foi dele repórter, redator e subeditor Marçal Aquino, em entrevista concedida a Costa (2005, p. 270) “o Jornal da Tarde naquele momento estimulava o texto de viés literário. Foi o melhor momento em termos de conciliação. O jornalismo era uma espécie de extensão da literatura”. O jornalista ainda relata que saiu do jornal quando este se tornou um veículo



parecido outros do mercado que “se limitam a cobrir o dia-a-dia sem dar grande importância à qualidade do texto e à utilização das fotos”.

Outro nome importante desse exercício literário foi David Nasser, um dos principais repórteres de O Cruzeiro, que, aliado ao repórter-fotográfico Jean Manzon, produziu grandes reportagens para a revista, com grande repercussão. Sua estilística narrativa foi marca registrada deste que seria considerado um dos maiores jornalistas dos anos 50. Nelson Rodrigues, em texto publicado em 1945 e reproduzido por Carvalho (2001, p. 128-129), diz que Nasser nasceu sob o signo da reportagem, pois era um repórter de autenticidade e vocação e o comparou ao João do Rio, “que faz poesia da rua”. O escritor e jornalista também apontou Nasser como o maior repórter brasileiro. Como acréscimo, Carvalho (2001) traz o prefácio da segunda edição do livro de Nasser, O Velho Capitão, escrito por Rachel de Queiroz, onde a escritora o chama de repórter excepcional e que, apesar de alguns reclamarem dos famosos excessos cometidos pelo jornalista, ele tinha a qualidade certa, sabia escrever bem.

David Nasser, conforme relatado no livro “Cobras Criadas”, escrito por Carvalho (2001), não tinha muito compromisso com a verdade dos fatos, o que é inaceitável para os princípios do jornalismo. E por esse motivo é que há também aqueles que não veem o “Novo Jornalismo” como uma mudança completamente positiva para a atividade jornalística, mas que, ainda assim, consideram que a linguagem jornalística no Brasil deve passar por um viés literário.

Não chego ao ponto de defender o new journalism, que em sua vontade de unir o jornalismo e ficção praticou não raro, especialmente Tom Wolf e ao contrário de Tay Gay Talese, mais um delírio ficcional que um testemunho jornalístico... Mas me parece claro que a crieza narrativa do jornalismo brasileiro é menos uma opção hemingwayana (pobre Hemingway...) que uma incapacidade verbal (PIZA, 2002, p. 135).

Mesmo com contestações sobre a veracidade de várias das matérias escritas pelo jornalista, David Nasser pode ser citado como exemplo do modo como o texto jornalístico pode usufruir de recursos narrativos criativos, uma das melhores definições dessa habilidade do jornalista foi feita por Amado (1962 apud CARVALHO, 2001, p. 42-43).

[...] um poder ainda maior, o de saber lidar com as palavras. Trata-as como deve, com respeito, com amor. Sabe que elas, as palavras, essas



meninas levadas, podem proceder direitinho, sabem obedecer a quem tem música na alma e as chama para um baile bonito. Nasser tem música na alma. Sabe fazer as palavras dançarem.

Além de recursos da literatura para a narrativa, Pena (2006) declara que o jornalismo literário é um conceito mais amplo, pois ultrapassa os limites dos acontecimentos cotidianos, com visões mais abrangentes, maior profundidade nos relatos e até mesmo um modo de exercer a cidadania. Mas ressalva que “o jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo” (PENA, 2006, p. 13-14). Os princípios da redação se mantêm, a apuração e observação rigorosa, a ética e a clareza do texto são as mesmas, o que esse jornalista faz é usar de novas estratégias profissionais. “A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal” (PENA, 2006, p. 14). Dessa forma, é preciso tratar a informação de forma diferenciada, fazer comparações com outras abordagens, relacionar fatos e situá-las em espaço temporal com longa duração.

As divergências quanto ao que seria o Jornalismo Literário são muitas, além de um conceito do New Journalism, alguns autores o colocam como um período na história da imprensa brasileira, outros afirmam ser apenas as críticas a obras literárias, como biografias ou ficções-jornalísticas. Pena (2006) o prefere classificar como um gênero, em que a narrativa abrange informar e entreter. “Assim, defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional” (PENA, 2006, p. 21).

Pesquisa de Campo

Portanto, para constatar as mudanças de técnicas redacionais e a influência do ritmo de trabalho sobre sua adoção, como segunda etapa desta pesquisa, realizou-se pesquisa de campo por meio de entrevistas em profundidade com jornalistas de dois jornais diários da cidade de Bauru, Jornal da Cidade e Bom Dia Bauru, com questões acerca do cotidiano redacional e sua interferência na qualidade do uso dessas técnicas; uso de outras técnicas de composição e narração da notícia e percepções sobre essa práxis, a fim de identificar como se dá a efetividade do lead e da pirâmide invertida para além da teoria, e a relação do jornalista com o tratamento do principal conteúdo do jornalismo: a notícia.



A fase atual é de análise dos dados coletados, o que se pode perceber em primeira instância, é que os jornalistas ainda colocam a importância e significância do lead e da pirâmide invertida para o jornalismo, mas apontam também para outros caminhos com que o jornal impresso percorre; a necessidade de se aprofundar mais ao relatar os fatos, diante da instantaneidade da internet, interfere no uso dessas técnicas e indicam uma possível união das mesmas com elementos do jornalismo literário, até mesmo para jornal impresso diário.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. M. Amor à palavra. In: CASTRO, G; GALENO, A. (Orgs). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- CARVALHO, L. M. **Cobras criadas**: David Nasser e O Cruzeiro. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- CORRÊA, T. S. A era das revistas de consumo. In: DE LUCA, T. R.; MARTINS, A. L. (Orgs.) **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.
- COSTA, C. **Pena de Aluguel**: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ERBOLATO, M. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- LAGE, N. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- PENA, F. **Jornalismo literário: a melodia da informação**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2012.
- PIZA, D. Jornalismo e Literatura: dois gêneros separados pela mesma língua. In: CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. (Orgs). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- RESENDE, F. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. In: BARBOSA, Marialva; BERGER, Christa; LEMOS, André. (Orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- SCLIAR, M. Jornalismo e literatura: a fértil convivência. In: CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. (Orgs). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOUSA, J P. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto, 2001. Disponível em: <<http://chile.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 16 de maio de 2013.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.